V ENCONTRO INTERNACIONAL DO CONPEDI MONTEVIDÉU – URUGUAI

DIREITO INTERNACIONAL I

FLORISBAL DE SOUZA DEL OLMO

ALEJANDRO PASTORI

Copyright © 2016 Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Todos os direitos reservados e protegidos.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – CONPEDI
Presidente - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa – UNICAP
Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Ingo Wolfgang Sarlet – PUC - RS
Vice-presidente Sudeste - Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim – UCAM
Vice-presidente Nordeste - Profa. Dra. Maria dos Remédios Fontes Silva – UFRN
Vice-presidente Norte/Centro - Profa. Dra. Julia Maurmann Ximenes – IDP
Secretário Executivo - Prof. Dr. Orides Mezzaroba – UFSC
Secretário Adjunto - Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto – Mackenzie

Representante Discente – Doutoranda Vivian de Almeida Gregori Torres – USP

Conselho Fiscal:
Prof. Msc. Caio Augusto Souza Lara – ESDH
Prof. Dr. José Querino Tavares Neto – UFG/PUC PR
Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini Sanches – UNINOVE
Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva – UFS (suplente)
Prof. Dr. Fernando Antonio de Carvalho Dantas – UFG (suplente)

Secretarias:
Relações Institucionais – Ministro José Barroso Filho – IDP
Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho – UPF
Educação Jurídica – Prof. Dr. Horácio Wanderlei Rodrigues – IMED/ABEDi
Eventos – Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta – FUMEC
Prof. Dr. Jose Luiz Quadros de Magalhaes – UFMG
Profa. Dra. Monica Herman Salem Caggiano – USP
Prof. Dr. Valter Moura do Carmo – UNIMAR
Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr – UNICURITIBA
Comunicação – Prof. Dr. Matheus Felipe de Castro – UNOESC

D598
Direito internacional I [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/UdelaR/Unisinos/URI/UFSM / Univali/UPF/FURG;

Coordenadores: Alejandro Pastori, Florisbal de Souza Del Olmo – Florianópolis: CONPEDI, 2016.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-5505-239-2
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Instituciones y desarrollo en la hora actual de América Latina.

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Interncionais. 2. Direito internacional. I. Encontro Internacional do CONPEDI (5. : 2016 : Montevidéu, URU).

CDU: 34

Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito
Florianópolis – Santa Catarina – Brasil
www.conpedi.org.br

Universidad de la República
Montevideo – Uruguay
www.fder.edu.uy

V ENCONTRO INTERNACIONAL DO CONPEDI MONTEVIDÉU – URUGUAI

DIREITO INTERNACIONAL I

Apresentação

Verifica-se que o Direito Internacional tem vivenciado importantes transformações nas últimas décadas. Ocorre que a globalização e o intenso avanço da tecnologia da informação impõem novos limites para os diversos campos do Direito Internacional e para as Relações Internacionais.

Por outro lado, as sucessivas crises globais, a partir de 2008, e seus impactos trouxeram desafios adicionais para a disciplina e para os seus operadores. Os artigos apresentados no GT Direito Internacional I, neste emblemático V Encontro Internacional do CONPEDI, realizado na hospitaleira e histórica Cidade de Montevidéu, enfrentam significativa parcela desse quadro.

Os trabalhos debatem distintas áreas do Direito Internacional, tais como o petróleo em Angola; o estupro como arma de guerra; a arbitragem ambiental internacional; a integração regional e os projetos de infraestrutura na América Latina; a OMC e o acordo de facilitação do comércio; tutelas de urgência e homologação de decisões estrangeiras no STJ; o comércio internacional como fundamento para a promoção dos Direito Humanos; desafios da América Latina e sua identidade; livre circulação dos trabalhadores no Mercosul; o BRICS e a perspectiva de formação de uma organização internacional e o meio ambienta; e as regras de comércio internacional da Organização Mundial do Comércio.

Completando a riqueza do Grupo de Trabalho foram apresentados, por professores uruguaios, temas específicos de Direito Internacional Público, como a evolução do costume em relação ao uso da força e dois casos de arbitragem internacional: o caso Philip Morris contra o Uruguai e sua relação com os direitos humanos, e arbitragem no mar do Sul da China entre as Filipinas e China.

Podemos afirmar que a variada gama de textos apresentados neste Grupo de Trabalho sintetiza, com a devida profundidade, a essência dos debates acontecidos em Montevidéu.

Prof. Dr. Florisbal de Souza Del Olmo - URI

Prof. Dr. Alejandro Pastori - UDELAR

DOS DESAFIOS FUTUROS DA AMÉRICA LATINA E SUA IDENTIDADE: O DUELO ENTRE A IGUALDADE SOCIAL E/OU CRESCIMENTO ECONÔMICO PARA A INTEGRAÇÃO

LE SFIDE DEL FUTURO DELL´AMERICA LATINA E LA SUA IDENTITÀ: IL DUELLO TRA L'UGUAGLIANZA SOCIALE E/O LA CRESCITA ECONOMICA PER L'INTEGRAZIONE

Ana Paula Magna da Silva Frasca Castelhano [1]

Resumo

Os desafios futuros que a América Latina irá enfrentar, nos próximos anos, é reflexo do passado e de um presente mal projetado diante do duelo entre igualdade social e crescimento econômico. Se é utopia, ilusão ou se devemos pensar em uma comunhão entre estes dois aspectos temos que debater também frente aos paradigmas e modelos que todos os países em desenvolvimento desejam importar internamente como uma solução interna, porém as realidades são outras e fatalmente o insucesso virá. As desigualdades e a dificuldade de se encontrar um laço identitário enquanto um povo distancia a América Latina de uma integração.

Palavras-chave: América latina, Crescimento econômico, Igualdade social, Desafios futuros, Integração

Abstract/Resumen/Résumé

Le sfide future che l'América Latina dovrà affrontare nei prossimi anni è risultato di un passato e un presente mal progettato questo prima che il duello tra l' uguaglianza sociale e la crescita economica. Se si tratta di un'utopia, un'illusione o se si debba pensare a una comunione tra questi due aspetti dobbiamo discutere di fronte ai paradigmi e modelli che tutti i paesi in via di sviluppo vogliono importare internamente come soluzione interna, ma le realtà sono diverse e fatalmente il fallimento verrà. Le disuguaglianze e la difficoltà di trovare una identità come popolo, fa lontana l'integrazione dell'America Latina.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: America latina, Crescita economica, Uguaglianza sociale, Sfide future, Integrazione

[1] Mestre em Direitos Humanos pela Faculdade de Direito-USP. Advogada e professora. Especialista em Direitos Fundamentais (Universidade de Coimbra) e Direito Constitucional (Universidade de Salamanca). Pesquisadora da Cátedra José Bonifácio-CIBA/IRI/USP.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo inédito é fruto das discussões e estudos realizados na Cátedra José Bonifácio do Centro Ibero-americano – CIBA/USP[1], vinculado ao Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo – IRI/USP. No ano de 2014, o Catedrático escolhido para o fomento da pesquisa e debates foi D. Enrique Iglesias[2], economista uruguaio nascido na Espanha. Neste projeto alguns estudantes da USP, dos mais variados cursos, são selecionados para integrá-lo sob a supervisão do catedrático escolhido. O tema de trabalho escolhido em 2014 foi: "A América Latina na atual conjuntura internacional: os potenciais impactos econômicos, sociais e políticos".

Em janeiro de 2015, em um Workshop intitulado: *Estado social, neoliberalismo y desarrollo social y económico,* na Universidade de Salamanca, foi possível debater a temática aqui descrita e desenvolvida brevemente neste artigo, com outros estudantes e pesquisadores latino-americanos. Os argumentos e principalmente a interdisciplinaridade do Direito Internacional em caráter regional foi levado à discussão dentro da academia europeia.

Temas sobre integração e cooperação para um melhor futuro da América Latina, são sempre atuais diante de tantos contrastes existentes e, portanto é, cada vez mais, difícil prever os rumos futuros que os países da América Latina irão tomar, tanto quanto aos percursos econômicos, sociais como os políticos, não esquecendo as questões identitárias e culturais. Pensar o futuro da América Latina é por vezes complexo, pois não estamos diante de uma América Latina unitária e coesa, mas sim com muitas disparidades e distinções de todas as ordens. Diante disso, pensar no futuro é projetar no presente.

Entender as necessidades sociais e econômicas de cada país que compõe a América Latina é um fato a ser analisado, mas isso não pode ser um mero estudo sem propósito com o apontamento de possíveis mecanismos para soluções. Temos alternativas que precisam ser colocadas em prática e não idealizar um modelo de comunhão já sabidamente ultrapassado, principalmente quando há a velha e indevida

[1] Para mais informações sobre o Centro Ibero-americano da USP, cf. Disponível em: <http://www.ciba.usp.br/>.
[2] Foi presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento de 1988 a 2005. Atualmente exerce o cargo de Secretário Geral Ibero-americano.

comparação e importação paradigmática dos mecanismos e modelos América do Norte, ou à Europa ou a Ásia à América Latina. Não precisamos ser como eles, mas precisamos olhar para as nossas necessidades prioritárias que garantam a qualidade de vida dos cidadãos de cada país que a integram.

O grande equívoco é a América Latina olhar para os demais blocos com um olhar de comparação em todos os graus, pois despreza e perde tempo na tentativa insana de buscar o mesmo patamar que cada vez mais o distancia como vemos atualmente.

A desigualdade social e regional no contexto latino, historicamente, fez com que tivéssemos que escolher entre igualdade e crescimento econômico, em diferentes momentos e crises de diversas ordens.

Não precisamos ser como eles, pois falar de América Latina é falar de nós mesmos e das necessidades tropicais dos países que a compõe e não somente do Brasil.

Aqui, desde já, diagnosticamos o problema de sempre haver essa dualidade que cada vez mais se afasta entre: igualdade e crescimento econômico, que é justamente a desigualdade econômica e social por parte dos seus cidadãos, pois a ordem vigente tal como está, tem como alicerce a desigualdade social, pois este é seu odioso pressuposto. O que merece nossa análise, não para entender as causas, mas o porquê de haver este pressuposto.

Não podemos nos distanciar da globalização econômica, nos fechando em nos mesmos, mas também não podemos somente voltar nossos olhos para o que os demais blocos ou conjunto de países fazem para combater seus problemas, pois as questões vivenciadas por eles são deles e naquele contexto, o que nos distancia na possibilidade de importar as mesmas soluções.

A escolha política não pode depender apenas dos políticos, mas de efetivar a participação popular que já tem acesso globalizado, mesmo que precário em alguns países mais pobres da América Latina. A igualdade de oportunidades é a chave para o crescimento da população enquanto qualidade de vida e melhoria social.

Recentemente, em 2012, no Jornal Folha de São Paulo, na reportagem de Samuel Pessoa, intitulada “Brasileiro prefere igualdade social a crescimento vigoroso.”

Apontou que a sociedade tem se posicionado a favor de políticas de transferência de renda.

Alguns questionamentos abaixo enumerados são fundamentais para entender o contexto das reflexões que se seguirão nesta breve análise, a saber:

1. Será que queremos ser Latinos? Porque existe um sentimento em pertencer à América Latina ou pelo simples fato de estarmos geograficamente inseridos nela?

2. Será que temos que escolher entre buscar uma igualdade diante dos contextos dos países que compõem a América Latina? Ou o que queremos para o futuro é buscar o crescimento econômico e social somente como forma de estar em condições de igualdade no enfrentamento das demais potências que se destacam como blocos?

3. Diante da globalização é possível ainda pensar em uma igualdade econômica e social nos países que compõem a América Latina?

Obviamente o tema é amplo e envolve outras reflexões que aqui, escolhemos algumas, para abordar e desenvolver inicialmente, com a expectativa que outras pesquisas posteriores e o intercâmbio de informações com outros acadêmicos possa contribuir para o enriquecimento de futuros estudos dentro desta abordagem que propusemos aqui.

2. O COMBATE À DESIGUALDADE SOCIAL PARA O FOMENTO AO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: BREVES REFLEXÕES CRÍTICAS E APONTAMENTOS PRÓ-FUTURO.

O combate a desigualdade social é o ponto que merece grande apreço para enxergarmos a América Latina como uma potência social e não somente com potenciais econômicos através do desenvolvimento tecnológico, independente do sucesso ou não das economias internas de cada país que a compõe. Os latinos, enquanto povo e cultura necessitam ser vistos efetivamente como um verdadeiro povo latino-americano, não

pelas suas semelhanças regionais ou culturais, mas pelos mesmos desejos e anseios para o futuro desta América sulista tão grandiosa e atraente às economias dos chamados países desenvolvidos.

A reflexão aqui é acida e extremamente crítica: não podemos mais achar que o desenvolvimento latino-americano é apenas algo em vias de acontecer no futuro. O futuro já chegou e precisamos estar conscientes deste fato para não apenas projetá-lo – como se ele nunca fosse chegar, mas pensarmos rapidamente o presente que já é um reflexo de um passado que em muitos desses países latinos, nem mesmo foi projetado ou almejado.

Por que de alguns anos pra cá, tanto europeus ou americanos do norte desejaram estar entre nós, latinos? Já não são desenvolvidos? Porque o desejo de buscar os ainda chamados "países em desenvolvimento"? Esse estigma ou paradigma a América Latina precisa afastar imediatamente. Nós mesmos, enquanto latinos, nos acostumamos aos velhos paradigmas impostos que nesta análise poderíamos pensar que sempre fomos uma ameaça, já que o que está em desenvolvimento, gera uma incerteza ou para os olhos de alguns países como os EUA, uma ameaça, principalmente porque não sabem o que esperar de políticas econômicas tradicionalmente instáveis nos países sul americanos. Como as economias latino-americanas oscilam de tempos em tempos, assim como suas crises e seus resquícios de colonialismo que parece não ter fim, são economias temerárias e interessantes ao mesmo tempo a depender da disposição do país ou bloco externo à América do Sul.

A própria imprevisibilidade das políticas econômicas e sociais da América Latina gera o desejo de conhecer o desconhecido e ao mesmo tempo, "ficar de olho" ao que virá. Por isso é importante pensarmos nas questões que envolvem a integração ou uma rede do que denominaríamos de **intercolaboração** dos países que compõem a América Latina.

Para Paulo Borba Casella, quando tratamos da temática da integração da América Latina:

> [...] muitas vezes pode não ser possível alcançar os fins que alguém se propôs, por falta de meios, ou de tempo ou de energia, mas, ao menos, é preciso ter o objetivo claramente colocado diante de si; pois sequer

> se tem o objetivo, certamente não haverá meios para alcançar o que não ficou claramente determinado. Nessa circularidade tem incorrido boa parte do debate e das manifestações a respeito da integração. Com prejuízo para todos, obscurecendo os fins e os meios para alcançar os primeiros.[i] (CASELLA, 1997, p. 9).

A opção por uma integração econômica, como é o caso do MERCOSUL, talvez não devesse ter sido o meio, mas sim, uma das finalidades a serem alcançadas no futuro deste bloco, pois muitas vezes o meio deve ser meio ambicioso para o desejo do início, seja a concretização do sucesso futuro, principalmente quando estamos diante de um processo integratório.

Não basta pensar no MERCOSUL como modelo de integração regional, mas como um dos instrumentos de integração dos países que compõem a América Latina. O que, em longo prazo, seus objetivos e reais fins sejam redefinidos para que não se perca os laços já estreitados entre os países membros.

Segundo o relatório elaborado conjuntamente pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) em razão da 22ª Cúpula Ibero-americana realizada em novembro de 2012, retrata que apesar das economias da América Latina se desacelerarem em 3,2% e, em 2013 terem um crescimento aproximado de 4%, “destaca o bom desempenho macroeconômico da região e a gestão prudente das economias dos últimos anos, que permitiriam ao continente construir uma ‘posição sólida’”.(IPEA, 2012)[ii]

Os possíveis instrumentos para uma real integração forte de uma América sulista tão *sui generis* é uma via de mão dupla. Essa afirmação merece considerações e explicações que detalharemos a seguir com o foco nas alternativas de um futuro que se possa almejar uma menor taxa de desigualdade social aliada ao crescimento econômico em conjunto e não apenas dos países latinos, individualmente.

3. IGUALDADE SOCIAL E/OU CRESCIMENTO ECONÔMICO: AS INCERTEZAS SOBRE O FUTURO LATINO-AMERICANO E O COMBATE À DESIGUALDADE.

Uma importante reflexão que se coloca é: o que realmente se deseja como um objetivo real e concreto dos países que compõem a América Latina? A igualdade social ou o crescimento econômico?

Aliar esses dois binômios é muito difícil, mas não impossível. Talvez a melhor reflexão, diante das possibilidades existentes, seja pensar em formas e instrumentos de redução das desigualdades sociais e econômicas, não como forma de se almejar um ideal utópico de igualdade social, mas sim como forma de reparar os efeitos do próprio crescimento econômico desorientado e que não se preocupou com os reais efeitos em longo prazo de políticas governamentais, por vezes, descabidas e danosas à sociedade.

Sob este aspecto é que devemos pensar não somente nos desejos dos governantes latino-americanos, mas sim nos danos sociais como um todo aos seus cidadãos, pois a democracia traz a representação política, mas também gera uma cobrança por parte da sociedade daquilo que foi uma "promessa" de campanha política que não se efetivou.

São várias as causas da desigualdade[iii] (COUTINHO, 2013, p. 53), pois este é um fenômeno global e não somente dos países em desenvolvimento. Com a crise econômica de 2008, as perspectivas quanto ao retorno do crescimento econômico não são promissoras em curto prazo, principalmente na América Latina.

De modo geral, problemas sociais e de saúde pública, tendem a ser grandes reflexos da desigualdade social e de renda. Também as frequentes crises econômicas e instabilidade da moeda são fatores que levam a desigualdade. Não cabe aqui, analisar as causas e origens da desigualdade social ou econômica nos países latinos e que afastam ainda mais a integração regional, mas sim de pensar o futuro, não propriamente com propostas instrumentalizadas, mas sim com apontamentos dos caminhos reais e não utópicos na temática em questão.

Se a igualdade social por vezes pode ter um caráter utópico ou de mero discurso político, os desafios futuros que a América Latina vai enfrentar não serão os mais fáceis, diante das consequências que estamos vivenciando nos tempos atuais. A “quantidade” de desigualdade, em todas as suas ordens, difere de país a país, dentro da América Latina e, portanto, as soluções não poderão ser pensadas no plano regional, mas sim no âmbito interno de cada país.

A força de cada atitude política para redução dos impactos sociais ensejados pelo crescimento econômico é que deve ser analisada caso a caso para a busca da melhor saída para um problema tão complexo, pois quando estamos diante de problemas de ordem estrutural de um país - como é o caso dos problemas econômicos e sociais, as soluções advindas de novos projetos de reforma só serão sentidas em longo prazo e nem sempre é possível prevermos seus efeitos benéficos ou maléficos sobre as demais esferas que envolvem uma determinada ação governamental. Os impactos sobre as medidas são, na maior parte das vezes, incalculáveis. Nenhum tipo de probabilidade ou critérios de amostragem podem prever os efeitos práticos das medidas e ações governamentais.

A globalização econômica, a expansão e crescimento econômico da China e da Índia, as questões que envolvem gênero, raça e cultura, e também o modo como esses países transpuseram os processos de colonização, industrialização e modernização, são fatores que integram a preocupação de novas propostas de um futuro de integração da América Latina. Não podemos ignorar esses fatores, mas devemos ter cautela na análise que será feita com o “olhar latino americano” sobre eles.

A própria crise das identidades sociais na América Latina pode estar relacionada profundamente com a “pós-globalização” e em como os reflexos deste novo pensar podem causar a sensação de insegurança acerca do futuro, pois já não somos mais capazes de prevê-lo, tendo em vista a aceleração assustadora das inovações no plano tecnológico.

Não é possível pensar mais na utopia dos ideais do passado e nem na “comunhão santa” das novas propostas dos novos governos, já que como refletimos anteriormente, não é possível prever através de nenhum estudo existente - com precisão, os impactos em longo prazo, principalmente diante de questões sociais.

O desenvolvimento heterogêneo e as assimetrias das ações governamentais no diferentes países latinos devem ser levados em consideração quando analisamos e prospectamos o futuro, justamente para nos afastarmos dos velhos paradigmas de que por sermos latinos e "ainda não completamente desenvolvidos", não podemos projetar o futuro com medidas de impacto globais. Como exemplo, podemos citar o potencial energético e hidroelétrico dos países latinos, como é o caso do Brasil. Se pensarmos em medidas efetivas de aproveitamento sustentável e que possam evitar o desperdício – que custam milhões aos cofres públicos e da população, podemos certamente afastar novas formas de desigualdade dos tempos modernos em que vivemos, pois a modernidade por si só precisa cada vez mais da capacidade de seus Estados nacionais produzirem energia como fonte do próprio desenvolvimento de novas tecnologias para a indústria, comércio, e para a própria agricultura de base.

É inegável pensarmos e atestarmos que a desigualdade – em suas diversas formas, é sentida não só no Brasil, mas nos demais países que compõem a América Latina, grande parte, por suas raízes históricas, em comunhão com as consequências dos novos processos de modernização. Nesse contexto, Antoine Augustin Cournot[3], ilustra as ideias aqui esboçadas afirmando que:

> [...] de século em século, a história dos tempos passados é repetida, remanejada, fundida novamente, apropriada pelas ideias e pelas visões das novas gerações sem que haja termo a esse trabalho contínuo de crítica e de síntese, de demolições e de construções alternativas, cada geração construindo para si, como para si constrói casas e, quando ela é rica o suficiente, cidades a seu gosto.[iv] (COURNOT, 1864, p. 80).

No pensamento de Jean-Jacques Rousseau[4]:

> [...] um dos grandes vícios da história é que ela descreve muitos mais homens pelos seus lados ruins do que pelos seus lados bons; enquanto um povo cresce e prospera na calma de um governo pacífico, ela nada diz dele; só começa a mencioná-lo quando, não podendo mais bastar a si mesmo, participa dos negócios de seus vizinhos ou os deixa participar dos seus; só o cita quando já está em seu declínio: todas as nossas histórias começam onde deveriam acabar.[v] (ROUSSEAU, 1762, p. 167).

A história da América Latina, muito se reflete nas palavras de Rousseau, pois a todo o momento nos condicionamos a pensar naquilo que não deu certo, e nos

[3] Foi um matemático e economista francês.
[4] Um dos principais filósofos do iluminismo.

esquecemos de avançar e observar aquilo que funcionou ou obtivemos êxito no passado para aperfeiçoarmos no futuro, pensando nas novas gerações latino-americanas.

Este é um ponto decisivo, levantar os problemas, que como vimos, é importante, historicamente, principalmente diante dos novos problemas do presente, porém buscar no passado os acertos de políticas governamentais firmes e exitosas é fundamental para a prospecção do futuro.

4. ILUSÃO, UTOPIA OU COMUNHÃO? OS PARADIGMAS E PROSPECÇÕES FUTUROS.

Naturalmente, o povo latino-americano, é um povo com ilusão, utopia? Esta indagação é primordial aos anseios e prospecções futuras como integração. Neste contexto, Erasmo de Rotterdam[5]:

> O povo não suportaria por muito tempo seu príncipe, o criado seu senhor, a criada sua senhora, o estudante seu preceptor, o amigo seu amigo, a mulher seu marido, o empregado seu patrão, o colega seu colega, o anfitrião seu hospede, se um não mantivesse o outro na ilusão, se não houvesse entre eles embuste recíproco, adulação, conivência prudente, enfim, o lenitivo intercâmbio do mel da loucura.[vi] (ROTTERDAM, 1509-1511).

Nas sabias palavras de Rotterdam, neste texto antigo, porém, não menos atual por isso, podemos extrair o fato de que os latino-americanos enquanto povo tem muitas ilusões e aspirações que nem sempre são possíveis de serem realizadas em seus territórios, pois o ideal do paradigma norte americano de desenvolvimento econômico e o seu respectivo crescimento, por exemplo, não podem ser comparados aos nossos e nem tampouco almejado friamente, sem serem analisadas questões dos contextos internos de cada país latino. Pior seria se pensássemos enquanto integração com respeito a esta questão. Não é possível almejar a "igualdade social e/ou crescimento econômico" ilusório (que até os próprios norte-americanos já estão acostumados a serem invejados pela sua economia de mercado crescente), o que precisamos é analisar a realidade

[5] Foi um escritor holandês. Há variações quanto ao sobrenome: Roterdão ou Roterdã também são referências quando se trata deste autor.

regional de nossa América sulista enquanto bloco integrado e enquanto Estado membro dos seus integrantes.

As questões e necessidades da América Latina são específicas e não merecem ser comparadas com países asiáticos e europeus. Será que queremos o mesmo crescimento econômico da China, à custa de violações de direitos humanos nas relações laborais (com baixos salários, condições análogas à de escravos, por exemplo)? Em um Estado democrático de Direito, não é à custa destas violações que teremos um desenvolvimento social mais equilibrado e justo aos países que compõem a América Latina.

Essas reflexões que merecem ser feitas seriamente, pois seguir os mesmos modelos, implica em perseguir os mesmo erros também, e por vezes as consequentes violações. A tolerância social do aceitável ou não quando estamos diante de questões de Direitos Humanos e desenvolvimento social, merecem a devida preocupação por parte dos Estados latinos.

Não há como pensarmos o futuro com uma ilusão ou paradigmas e dogmas de um passado ou presente promissor desses países em franca expansão econômica, a qualquer preço, ou à custa de qualquer impacto.

Nem citamos aqui o impacto ambiental, que interfere diretamente nas relações sociais ou econômicas, principalmente no contexto latino que geograficamente, somos favorecidos em muitas belezas naturais ou grande diversidade de fauna.

O fundamental aqui é pensarmos que a ilusão ou a comunhão na busca por uma igualdade social e/ou crescimento econômico é refletirmos sobre: o que verdadeiramente precisamos ou queremos enquanto povo latino-americano integrado? O que esperamos para o futuro? Queremos uma ilusão, uma copia de modelos preestabelecidos que não se encaixam nas nossas necessidades? Verdadeiramente queremos a comunhão apontada acima ou apenas vivermos na ilusão de um dia “parecer“ americanos do norte ou europeus?

A identidade latino-americana, a força do nosso povo, a cultura e principalmente o fomento à educação são os verdadeiros caminhos para o futuro promissor da América Latina e o seu consequente fortalecimento frente aos demais países do globo.

Por certo não podemos nos afastar dos exemplos de sucesso, mas se pensarmos que os exemplos de sucesso do passado, são o fracasso econômico e social do presente, conforme comentamos sobre a crise econômica de 2008, em que principalmente os países europeus como a Espanha e Itália, por exemplo, enfrentam sérios problemas internos em todas as esferas, a ponto de gerarem um êxodo de seus nacionais, em busca de novas oportunidades de trabalho em países em desenvolvimento, como os países latino-americanos.

Então onde estão os melhores paradigmas de modelos econômicos e sociais para a América Latina seguir? Não existem mais modelos ideais, porque os países ideais já precisam se reinventar e passar por um novo processo de revitalização interna em relação aos seus objetivos futuros. Estes poluem mais, violam mais direitos difusos e coletivos e impactam as economias inter-regionais.

Este mesmo processo de revitalização interna em relação aos objetivos futuros é que esperamos da América Latina para se fortalecer, pois nossa possibilidade de crescimento econômico é grandiosa, mas não podemos nos afastar da vontade de uma igualdade social, ou, melhor dizendo, de uma diminuição das desigualdades em todas as suas formas.

Não podemos nos iludir, mas podemos almejar e trabalhar para nos voltarmos às nossas necessidades vitais primeiramente, porém sem nos afastarmos da modernidade tecnológica e das inovações, nem pensarmos em modelos por importação desmedida. Não queremos ser chineses, porque somos latinos, possuímos outra cultura e outra identidade. Precisamos nos reinventar e nos descobrir enquanto um povo latino.

5. CONCLUSÃO

A melhora na autoestima latino-americana é fundamental ao sucesso da integração regional, e o enfoque sobre a busca pela verdadeira identidade latino-

americana é essencial para redução das desigualdades sociais em prol de ambicionar desafios futuros diante do contexto internacional.

Não podemos nos afastar da historia para entendermos e projetarmos o futuro. Sabemos que pelos últimos relatórios de 2013, com a desaceleração da economia asiática, países como o Chile e o Peru – que tem uma intensa relação comercial com esses países sofrerá com esses dados diretamente, mas que não poderiam depender somente disso para fomentar suas economias internas. É um bom exemplo de que buscar novas parcerias e não se valer apenas de uma fonte comercial ou potencialmente mais rentável em volume numérico seja o ideal para a busca de um crescimento econômico interno.

Outro dado fundamental a ser mencionado é que o número de pessoas que compõem a classe média da América Latina e Caribe (ALC) cresceu em 50% na última década – de 103 milhões em 2003 para 152 milhões em 2009[6]. A que deveu esta mudança? Esses dados demonstram que, durante décadas, a redução da pobreza aliada ao crescimento da classe média na ALC, avançou lentamente em razão justamente do baixo crescimento econômico e da profunda desigualdade social nos países que integram a América Latina. A mudança nos números, e a ascensão da classe média, deveram-se à criação de programas sociais e a estabilidade econômica[7] que são verdadeiramente o caminho possível para a ascensão da América Latina enquanto unidade de integração em prol da expansão através de suas afinidades ou explorando bem suas peculiaridades em prol da construção de uma integração com vários vieses e não só econômico e social.

O pensamento sobre a integração da América Latina precisa ser feito por pessoas e para pessoas[vii] e, sobretudo, por pessoas que trabalham, negociam, empreendem na realização de seus projetos pessoais e que certamente serão um somatório de forças em prol de uma América Latina forte e promissora.

[6] Estes dados estão no relatório: Mobilidade Econômica e a Ascensão da Classe Média Latino-Americana, do Banco Mundial, divulgado na sede do IPEA, em Brasília.
[7] Infelizmente a estabilidade econômica em vários dos países latinos não é uma constante e sim por determinados períodos

Nas palavras de Chiarelli:

> [...] a integração é uma estrada aberta pelo caminho largo do interesse, onde transita o veiculo pioneiro, muitas vezes, do bom negocio, ou, pelo menos, do sedutor. Daquele que permite uma avaliação previa de futuro com lucro estimulante. Este ganho, como resultado do ato empreendedor, do gesto de investimento, é o combustível que impulsiona o processo, que mobiliza o homem de negócios a assumir uma posição vanguardeira. (CHIARELLI, 1992, p.170).

As decisões políticas, portanto são as mais difíceis diante desse contexto, pois seus reflexos refletem diretamente na vida dos nacionais de um país, na vida de um bloco de países que desejam se integrar e nas inter-relações entre os Estados.

Pensar nessas reflexões sobre a integração aliada à diminuição da desigualdade social e o avanço do crescimento econômico, é pensar também em democracia e liberdade, pois qualquer tipo de integração que se deseje verdadeiramente prospectar para o futuro necessita de políticas que garantam a efetivação da democracia como princípio, internamente aos países latinos.

Mudanças nem sempre são boas, pois não podemos prever seus efeitos. Questões como a infraestrutura de ponta, parecem sempre não ter sido uma preocupação na América Latina, ou ao menos de maneira séria.

A América Latina já é grande por suas dimensões geográficas e o fomento ao despertar para uma valorização cultural também é fundamental para que o real espírito integrador se consolide. Não podemos negar as diferenças e peculiaridades existentes de um país a outro, principalmente em relação aos problemas sociais e econômicos.

A integração da industrialização entre os países latinos e seu fomento, também é primordial a auxílio mutuo ao crescimento econômico enquanto bloco e no âmbito interno.

O importante neste trabalho e o que nos propusemos a fazer é pensar o futuro não como uma ilusão ou como busca de um paradigma ideal exógeno às nossas necessidades latino-americanas – já que o povo latino é por excelência um povo a sempre acostumado esperar por dias melhores -, mas sim pensar e trabalhar pela construção do espírito integrador, e que não vemos nenhum tipo de incentivo, pois cada

país se enxerga isoladamente dentro da globalização econômica e tecnológica. Essa mentalidade precisa acabar.

Os papéis das decisões políticas, nos países da América Latina, nunca foram tão importantes como o que deseja atualmente, pois a estas decisões devemos nosso sucesso e novo fracasso em diversos seguimentos. Achar os culpados ou culpar a globalização e os avanços tecnológicos é reforçar um discurso vazio. Medidas de ação governamental aliada ao fomento ao espírito integrador são os pontos chaves para o sucesso comum da América Latina. O Mercado Comum deveria ser a finalidade e não a causa para a integração em ideais e objetivos pontuais – como foi o caso do MERCOSUL.

Nunca podemos esquecer que se todos os países latinos fizerem a mesma escolha, qual seja: a escolha por uma unidade forte e progressista no combate a desigualdade social e em busca de medidas comuns para o crescimento econômico regional, será o caminho à imunidade contra a pobreza, à violação dos direitos humanos, a violência, à criminalidade, às questões estruturais, como a falta de saneamento básico e a crise da saúde pública, dentre outros fatores que dependem da vontade política e da vontade de todos aqueles latino-americanos do presente em prol das futuras gerações.

Da comunhão, precisamos para integrar; as ilusões, precisamos afastar e o pensamento sobre a utopia deve ser substituído por ações conjuntas de todos os entes e atores envolvidos no processo integratório para a construção da verdadeira identidade e desenvolvimento do povo latino-americano.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASELLA, Paulo Borba. **Instituições do Mercosul.** Brasília: Senado Federal. Subsecretaria de Edições Técnicas; Porto Alegre: Associação Brasileira de Estudos da Integração. 1997. v. 14.

CHIARELLI, Carlos Alberto Gomes. CHIARELLI, Matteo Rota. **Integração:** direito e dever. São Paulo: LTR. 1992.

COUTINHO, Diogo Rosenthal. **Direito, Desigualdade e Desenvolvimento**. São Paulo: Saraiva. 2013.

COURNOT, Antoine Augustin. **Des Institutions d´instruction publique en France**. Hachette. 1864.

IPEA. **Revista Desafios do Desenvolvimento**. Classe média da América Latina, cresce 50%. Ano 9, nº 75, 2012. p. 6.

IPEA. **Revista Desafios do Desenvolvimento**. Crescimento Econômico. Ano 9, nº 75, 2012. p. 90.

ROTTERDAM, Erasmo de. **Éloge de la folie,** 1509-1511, Tradução francesa: Pierre de Nolhac.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Émile ou De l´education.** 1762, livro quarto, ed. Du Seuil, t. 3

[i] CASELLA, Paulo Borba. **Instituições do Mercosul**. Brasília: Senado Federal. Subsecretaria de Edições Técnicas; Porto Alegre: Associação Brasileira de Estudos da Integração. 1997. v. 14. p. 9.

[ii] IPEA. **Revista Desafios do Desenvolvimento**. Crescimento Econômico. Ano 9, nº 75, 2012. p. 90.

[iii] COUTINHO, Diogo Rosenthal. **Direito, Desigualdade e Desenvolvimento**. São Paulo: Saraiva. 2013. p. 53.

[iv] COURNOT, Antoine Augustin. **Des Institutions d´instruction publique en France**. Hachette, 1864. p.80.

[v] ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Émile ou De l´education,** livro quarto, 1762, ed. Du Seuil, t. 3, p.167.

[vi] ROTTERDAM, Erasmo de. **Éloge de la folie.** Tradução francesa: Pierre de Nolhac, 1509-1511. cap. XXI.

[vii] CHIARELLI, Carlos Alberto Gomes. CHIARELLI, Matteo Rota. **Integração:** direito e dever. São Paulo: LTR. 1992, p.170.